



Caio Budel
Isabela Lessak
Nádia Moccelin
Naiara Persegona
Priscila Schran



Copyright © 2016 Caio Budel, Isabela Lessak, Nádia Moccelin,
Naiara Persegona, Priscila Schran.
Copyright das ilustração de capa © 2016 JABOY.
Copyright das ilustrações do livro © 2016 Caio Budel.

TÍTULO ORIGINAL

Florescer

PREPARAÇÃO

Caio Budel

Isabela Lessak

REVISÃO

Nádia Moccelin

Naiara Persegona

Priscila Schran

PROJETO GRÁFICO

Caio Budel

Isabela Lessak

SUPERVISÃO

Ariane Pereira

Espaço destinado à Ficha Catalográfica

*Para todas as mulheres que tiveram
forças para falar, mas também para
aquelas, que, por algum motivo, foram
silenciadas.*

Antúrio

Violência contra a mulher. Parece até ser um assunto batido ou mesmo de menor importância, mas quando você encontra, se aproxima da realidade de uma mulher em situação de violência, percebe que o assunto é muito mais complexo e profundo.

Nossa proposta para este material é ir além de classificar os tipos de violência contra a mulher como sexual, patrimonial, psicológica, física e moral. É mostrar como a violência se dá na realidade concreta. Deixar aparecer o momento da agressão, as consequências dos conflitos, a decisão da mulher em dar um basta, o momento que ela procura ajuda e a vida depois da violência ou enquanto ela está afastada do agressor.

São histórias reais. Relatos legítimos com quatro mulheres que foram atendidas pela Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres de Guarapuava e decidiram compartilhar a sua história para que outras mulheres possam florescer.

Antúrio, Quaresmeira, Orquídea e Hibisco. Acompanhe a história do desabrochar dessas mulheres.

Por segurança e sigilo, os nomes das entrevistadas foram preservados.



O antúrio é a flor da imponência, da autoridade e do luxo. Esses três artefatos nem sempre estiveram presentes na vida de Ema.

Durante muito tempo, ela sofreu com as agressões verbais. Depois, os xingamentos vinham acompanhados de agressões físicas. Quando o companheiro bebia, as agressões pioravam.

Ema passou anos e anos dormindo com medo. A faca era sua inimiga da noite. Ficava embaixo do travesseiro do marido como forma de ameaça.

O medo vinha acompanhado da certeza de que perto ela tinha o controle sobre a situação, de longe tudo era um mistério. Sua família sempre insistiu para que ela denunciasse. Isso aconteceu até o dia que ela tomou coragem. A denúncia veio pelo desgaste e pelo medo. Num primeiro momento, Ema procurou a polícia que a encaminhou para a Secretaria.

Hoje, separada há dois anos, nossa flor vive com medidas protetivas. E em paz.



“Primeiro ele me agredia com palavras, falando que eu era burra, idiota. Por um tempo eu até deixei e ele foi falando. Mas, aí, as pessoas começaram a me orientar: não, você não pode deixar ele falar assim com você. E eu me dei conta e pedi pra ele parar, mas, ao invés disso, ele piorou. Ele foi falando palavrões que foram me agredindo, doendo muito. Depois de um tempo, ele começou com as agressões físicas.

“Ele foi me chamando de burra e cada vez piorava mais. As palavras foram piorando, até que a gente começou a brigar muito até ele vir pra cima de mim. Eu falava com ele, mas ele bebia e vinha me bater.

“Eu não me lembro da primeira agressão física porque foram muitas. Ele, geralmente, dava empurrões, vinha na garganta tentando asfixia. Por vezes fui trabalhar com os dedos dele marcados na garganta. Sempre assim. E com empurrões. Me empurrava em cima das coisas, dos cantos dos móveis. Eu ficava cheia de marcas. Era desse jeito.

“Por anos eu dormi em cima de uma faca porque ele planejava me matar dormindo. Anos e anos, eu não sei como consegui viver até tomar consciência de que eu não precisava passar por aquilo. Eu acordava no meio da noite e via ele procurando a faca pra me matar. Até que chegou a época que não teve mais jeito, eu tive que denunciar.

“Minha família falava que eu não precisava passar por aquilo. “Denuncia”, eles repetiam. Mas eu não conseguia dar o primeiro passo. Eu pensava, mas não agia. Eu não conseguia agir. Pensava que era dependente dele, só que eu trabalhava, me sustentava, sustentava meu filho. Não sei por qual motivo, eu achava que dependia dele. Eu tinha esperança que ele melhorasse. A gente separava, voltava, achando que tinha resolvido, mas a situação só piorava.

“Meu filho presenciou tudo, a vida inteira. Ele me deu força pra denunciar e eu tomei a decisão. Meu patrão, também, me orientou. O dia que eu cheguei toda marcada, toda cheia de hematoma lá, ele falou: “você é uma mulher trabalhadeira, você não precisa passar por isso, você consegue viver sozinha”. Tomei a decisão de que eu podia viver sozinha.

“Quando eu denunciei foi porque eu não aguentava mais. Ou eu denunciava ou eu morria na mão dele. Era a minha vida. Eu corria

riscos na mão dele. Foi aí que eu tomei a decisão: “eu vou denunciar, vou ter coragem, aconteça o que acontecer, eu não preciso passar por isso. Tenho mãos e pés pra trabalhar e eu pensava no meu filho, ele vendo aquela situação.

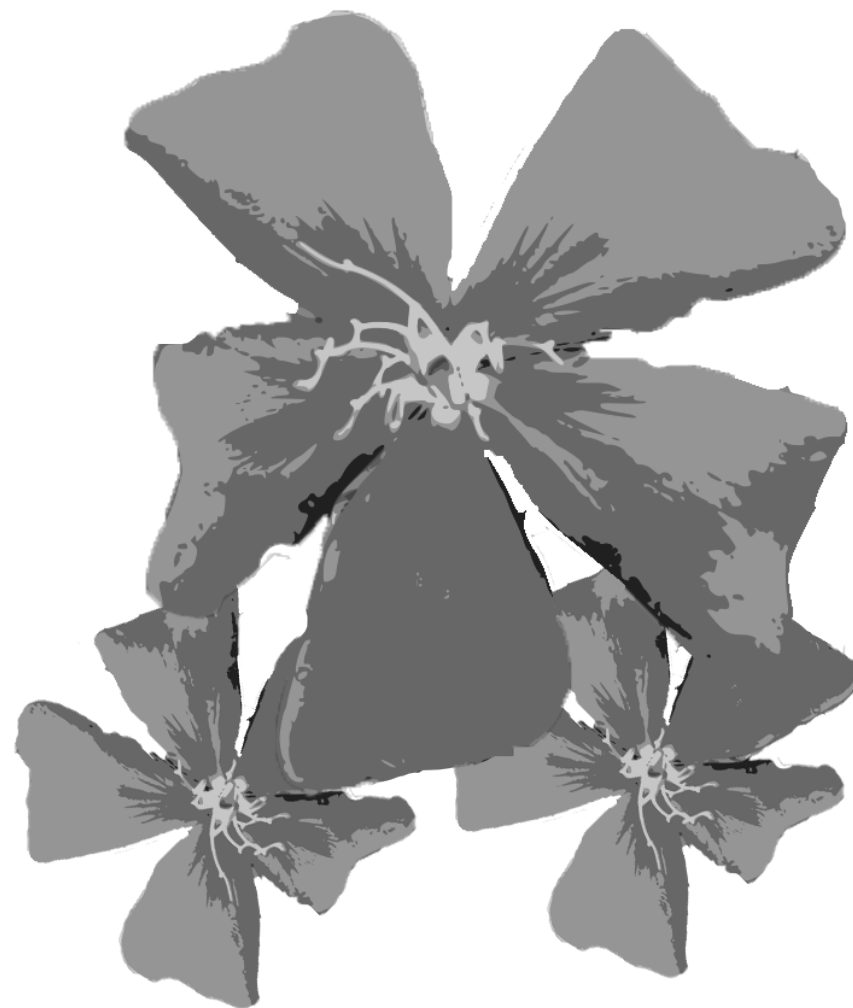
“Primeiro, eu fui na delegacia registrar a queixa e a delegada me orientou a ir à Secretaria. Para mim, está sendo muito bom. Lá, eles me orientam a como lidar com a situação, os primeiros passos a tomar. Se ele estiver perto de mim, denunciar, chamar a polícia. É como eu falo: eu não sei o que ele pensa lá, longe de mim, eu não sei quais são os planos dele. Esses dias ele ia lá em casa, agora ele parou um pouco de ir, ,as ele ia na porta da minha casa, me ameaçar, falando que eu não ia viver porque eu tinha denunciado ele. Quando ele é chamado no Fórum, que ele tem as audiências também, ele me ameaça. É nisso que a Secretaria me orienta bastante, a saber como me defender dele: não me aproximar, não passar onde ele está.

“Agora, faz dois anos que estamos separados. Eu tomei a decisão, não queria mais ficar com ele. Ele nunca me pediu desculpas. Ele sempre estava certo, segundo a visão dele. E ofendia, me chamava de burra e me deixava triste, quanto mais triste eu ficava, mais ele me ofendia. Ele era grosseiro, era ignorante mesmo. Então, eu fico pensando: como que eu vivi com uma pessoa desse tipo?

“Hoje eu estou em paz comigo mesma. Por anos eu não conseguia dormir, eu deitava e eu não dormia, porque eu sabia que ele estava planejando a minha morte. Então, eu não conseguia dormir mais. Eu não sei como que eu vivi anos sem dormir, não consigo entender como eu vivia assim.

“Sejam corajosas, que tomem a decisão de denunciar. Hoje a gente tem todo tipo de acompanhamento na Secretaria da Mulher, tem o 180 que elas podem denunciar, pedir orientação, saber qual o primeiro passo que elas têm que dar e tomar a decisão, ir em frente, não parar por ameaças. Eles chegam e falam pra gente assim: ‘tira a queixa, eu vou mudar, eu posso tentar mudar’. Não! Eles não vão mudar! Eles só vão piorar! E aí, se você tirar a queixa e eles verem a fraqueza, eles vão piorar! Então, tem que tomar a decisão. A gente tem braços e pernas pra trabalhar, todo mundo sabe fazer alguma coisa. A gente não pode parar no tempo e viver a custo de violência, achando que a gente não pode fazer nada. A gente pode fazer muita coisa!”

Duaresmeira



A quaresmeira é a flor que anuncia a quaresma, tempo de renovação. Podemos dizer que renovação é a palavra ideal na vida de Paula, que deixou tudo para trás em busca de um novo caminho para ela e para os filhos.

Dos cinco aos dez anos, ela foi violentada pelos tios, com quem morou após a morte da mãe, sem poder se defender. Assustada, ela sempre pedia por ajuda da família, porém, a única resposta que tinha era: “você é uma menina safada”. Quando soube da situação, seu pai a salvou. Mas a dor de Paula ainda estava longe do fim.

Quando adulta, ela casou e teve três filhos. Após três anos de casamento, Paula voltou a sofrer violência, desta vez, do marido. Foram traições, xingamentos, pressões psicológicas e tapas, muitos tapas. Até que ela criou coragem para se separar. Mas, mais uma vez, Paula não se livrou do medo. E a situação se agravou.

Em uma conversa com os filhos, ela descobriu que um deles sofria violência sexual por parte do tio, irmão de seu ex-marido. Paula, mais uma vez, não se calou e denunciou. O homem foi preso, mas seu irmão não aceitou a denuncia e passou a ameaçar Paula de morte.

Para se livrar dessa situação, ela procurou ajuda e chegou até a Secretaria de sua antiga cidade, onde foi encaminhada para Guarapuava. Aqui, ela recebeu abrigo, ganhou amigos e um novo jardim.



“Fazia três aos que éramos casados e ele começou a me bater. Mas eu denunciei ele. Ah, denunciei! Me separei dele por conta da violência. Mas, mesmo assim, ele me ameaçava, me mandava recado, ia na porta da minha casa, me ligava ou mandava a família me ligar.

“Tudo começou no terceiro ano de casados quando só eu estava trabalhando, ele não queria mais trabalhar. Começou arrumar outras mulheres, se envolveu com drogas. Foi só violência. Me batia, machucou muito a minha orelha, não posso nem usar brinco mais. Eu aguentei durante dois anos. Aí, procurei ajuda. Fui denunciar, mesmo com medo. Depois disso, ele continuou me ameaçando por telefone, mas, nem por isso, parei de denunciar.

“Eu sempre denunciei, mesmo com medo. Eu procurei a assistência social da minha cidade. Eu não sabia pra onde ir. Elas acionaram a Secretaria de Mulheres de lá, que organizou tudo. Foi assim que vim embora pra cá.

“Tive que largar tudo. Vim só com a roupa do corpo. Nessas horas, a gente não pode pensar em bens materiais, só na vida. Eu pensei na vida dos meus filhos e na minha. Os bens materiais a gente corre atrás depois. Vim escondida de lá, só com os meus filhos que estavam sempre comigo.

“Eu vim chorando, porque eu não conhecia nada. Pensava muito. Chorei muito. Chorei mas consegui.

“Todos aqui me acolheram super bem. Tenho muitas amizades já. Fiquei dois meses abrigada e consegui minha casa através da Secretaria. Agora, a porta lá de casa fica aberta. Sou muito mais forte do que eu imaginava.

“Minhas crianças estão estudando e eu pretendo ficar por aqui, não penso em vol-

tar pra aquela vida. Se eu voltar eu vou morrer.

“Hoje eu estou bem. Vivo bem junto dos meus filhos. Sem homem, sem violência”.

Orquídea



A orquídea é uma flor que está associada à sexualidade e à beleza feminina. Para Célia, a vida nem sempre foi tão bela quanto essa flor. Durante anos, ela viveu murcha.

Após um grave acidente, seu marido entrou em depressão.

E foi com a doença que a violência se manifestou.

Célia convivia com o silêncio do marido. Quando eles conversavam, ela só ouvia xingamentos. Passou a viver com uma insatisfação constante no casamento. Se sentia inútil. E isso afetou toda a rotina da família - dos filhos aos amigos.

Cansada do isolamento e da violência psicológica, Célia procurou ajuda e encontrou a Secretária. Lá, recebeu orientações e, aos poucos, conseguiu retomar sua relação familiar.

Hoje, ela exala amor, desejo, pureza espiritual, força e beleza. Assim como uma flor.



“Faz 14 anos que a gente vive junto e há uns três eu comecei a sofrer violência. Foi depois que ele sofreu um acidente, que ele ficou assim. Ele ficou dois meses em casa, fechado, não conversava com ninguém mais. Começou a ficar assim, quieto calado, não se abria, se perguntava alguma coisa ele fazia de conta que não escutava, começou a ficar estúpido e tudo que eu fazia não estava bom. Foi aí, também, que eu comecei a me sentir mal, comecei a ficar doente, foi aparecendo os sintomas, a falta de ar, aceleração, ficava nervosa. Eu me trancava no quarto, no banheiro e chorava. Não tinha mais vontade de sair. Se eu colocasse uma roupa ele achava que aquela roupa estava feia, que não vestia bem em mim. Tudo que eu comprava pra ele não era bonito. Tudo ele me criticava.

“Eu fui guardando tudo isso dentro de mim. Foi aí que eu fiquei bem doente mesmo. Tanto que nem no espelho eu não me olhava. Se eu arrumava o cabelo, não estava bom. Se eu fazia uma nova amizade também, aquela amizade não era boa. Se vinha visita na minha casa, ele não gostava. Todos os problema ele deixava pra mim. Tudo eu tinha que resolver. Ele queria viver a vida dele, mas não queria que eu vivesse a minha. Queria que eu ficasse só em casa, só lavando, passando e cuidando das crianças. Convidava pra sair, ele não saía nem comigo, nem com as crianças. Sempre a desculpa dele é que não tinha dinheiro. Mas como que pra fazer churrasco com os amigos ele tinha? E tudo aquilo, sabe, me afetava.

“Eu encontrava com as minhas amigas e via que elas estavam bem, né? Via que a vida delas era diferente da minha e ficava triste. Tinha horas que eu ficava pensando: o que que eu ia fazer? A vontade era de desistir. E foi aí, quando eu não sentia mais vontade de tomar banho

nem de sair da cama, que um dia eu olhei no espelho, olhei pra mim, que eu senti vontade de procurar ajuda.

“O dia em que eu pensei chega, eu não disse nada a ninguém. Fazia dias que eu não fazia comida em casa, não dormia, passava as noites em claro. E foi então que eu resolvi. Parei assim comigo: eu vou procurar ajuda, vou lá onde uma vez já me ajudaram, vou voltar lá, ver o que consigo porque se eu continuar desse tipo, vou morrer nessa cama. E eu saí. Não falei nada pra ninguém aonde eu ia. Nem pra minha mãe, nem para os filhos, nem para os irmão, para o marido, ninguém. Quando eu cheguei na praça, eu não ia nem pra frente, nem pra trás. Foi onde eu parei e comecei a pedir a Deus pra ele me encaminhar, se fosse pra melhorar, se fosse pra eu criar meus filhos porque eu só pensava em morrer ou sumir. Queria acabar com a minha vida mesmo. Eu colocava uma roupa em mim, tirava. Eu mesma falava: essa roupa tá feia. Eu colocava uma maquiagem, eu ia e lavava o rosto, porque não estava bom. Fui vendo que aquele problema meu não estava afetando só a mim, estava afetando as criança também. Era tudo no grito. Eu estava perdendo o controle da casa.

“Eu fiquei sabendo da Secretaria porque há um tempo atrás a gente teve uma briga e fomos parar lá. Aí, agora, eu fui recorrer lá e agora eu estou melhor, porque agora ele está mudando também. Antes, ele não conversava comigo. Quando a psicóloga teve lá em casa, uma vez que eu não pude ir, ela conversou com as crianças, conversou com minha irmã, minha cunhada, tudo. Falou que o principal apoio que eu tinha que ter, além da família, era dele também, que ele tinha que me apoiar muito naquela hora e foi onde ele começou a mudar. Agora está melhor. Eu já estou conseguindo sair de casa, receber minhas visitas.

“Agora, estou me sentindo assim, mais coração aberto.

Coração já não está tão espremido. Até pra respirar eu comecei a me sentir melhor. Já não tenho mais aceleração, eu já não choro mais com frequência, o grito das criança já não me incomoda tanto, eu estou conseguindo controlar. Eu já saio de casa, já vejo as minhas amigas. Quero arrumar um trabalho. Quero me arrumar mais e não quero ficar só em casa não. Quero respirar ar livre. E ela (a psicóloga) me ensinou muito, ela me ensinou bastante coisas. Hoje, estamos dispostos a continuar. Estou feliz e quero essa felicidade pra sempre agora.

“Eu falo pra essas mulheres que estão sofrendo violência psicológica, como eu sofri, pra procurar ajuda, que os psicólogos ajudam. Não ficar na casa, não se trancar que nem eu fiz, porque eu estava jogando a minha vida no lixo, eu estava perdendo meus filhos, porque eu não procurava ajuda, eu não sabia do outro lado, do outro lado bom que existia. A vida delas vai melhorar igual a minha está melhorando. Não vou dizer que está 100%, mas eu nunca conseguir esse passo e hoje eu consegui. E agora eu estou melhor”.

Hibisco



O hibisco simboliza a virtude e a beleza delicada. E, foi na delicadeza da gravidez que Carla murchou, porém com a vermelhidão do hibisco simbolizando o amor, ela desabrochou.

As agressões começaram quando seu companheiro descobriu que ela estava grávida. Vieram as surras, as marcas e as perdas materiais. Carla denunciou. Ele foi preso, porém quando solto, as ameaças continuaram.

A negação do filho fazia com que o parceiro ficasse cada vez mais violento.

Após uma briga, veio o presente. Um apartamento, comprado de uma amiga. O caso está enrolado e, o apartamento, virou caso de polícia. O parceiro já ameaçou colocar Carla na rua.

Depois de buscar ajuda, o pesadelo continua. O ex-parceiro ainda a ameaça, porém, Carla não desiste da sua felicidade.



“Ele começou a me agredir quando contei que estava grávida. Ele me deu uma surra, me deixou toda marcada de sapato, eu fiquei com muitas marcas e ele fugiu. Quando eu cheguei no trabalho eles perguntaram e eu contei, eles mandaram registrar o B.O, mas eu não fui pra frente. Eu achava que eu amava ele ainda. Ele chegava, pedia perdão, me mandava flores e eu ia perdoava e voltava. Ficamos juntos dois anos.

“Agressões, socos, tapas. Estragava minhas coisas. Ele pegava a faca e enfiava no colchão, minha cômoda toda cortada e dizia que queria fazer aquilo comigo. Quando eu fiz a medida protetiva ele quebrou o vidro de casa com uma pedra enorme. Aí ele foi preso, ficou quase 60 dias preso. Achei que ele ia melhorar, mas ele saiu pior. Ele xingava muito, magoava muito, me doía ouvir aquilo. Eu sofro, aquilo me dói, o que ele diz pra mim, xinga a criança fala, que não é filho dele, que ele vai matar a criança. A última vez eu vi a morte. Eu estava saindo de shorts e ele chegou bêbado. E ele falou: ‘por que você está saindo assim?’ Só disse que ia resolver umas coisas, ele já me empurrou. Senti minha cabeça bater no móvel, empurrou o nenê.

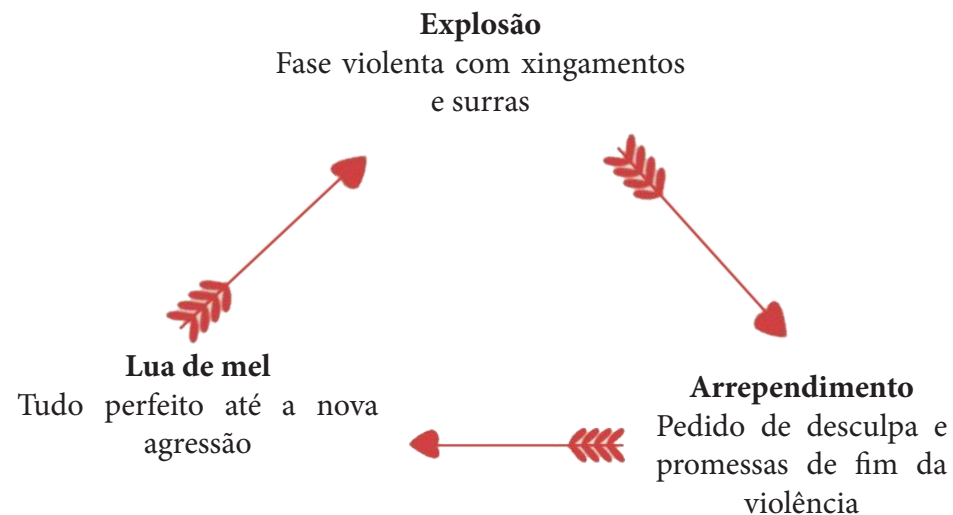
“Na Secretaria, elas me ajudam muito. Conversei com a advogada, que me passou muitas informações, conversei com a psicóloga, que fez eu encaixar as peças, o que eu queria. Eu fui conversando e fui me acalmando. Mas ele continua me ameaçando.

“Não estamos mais juntos há três anos. Hoje, eu tenho medo, mas me sinto melhor. Quando ele liga eu me sinto mal. Ele faz ameaças com a criança e, quando ele faz isso, eu não consigo dormir. Mas se não, eu durmo bem, trabalho bem.

“Eu quero superar. Eu quero viver bem. Eu já fui muito humilhada e eu não quero viver assim. Eu estou magoada por dentro, eu olho para as cicatrizes e vejo. O corte do meu braço é a marca que eu não quero mais ele.

“Para as mulheres que passam por isso eu peço que façam a mesma coisa que eu: assumir e ir em frente, ir na polícia, fazer B.O, procurar medidas protetivas, procurar a Secretaria da Mulher. Não deixem isso acontecer, porque é uma magoa que nós, mulheres, não podemos passar e deixar quieto. Não é uma flor, um eu te amo que vai melhorar, porque quando é amor eles tratam diferente, como uma flor, não tem que espancar. E eu acho que tem que ir pra frente, não guardar nada. Não sofram, quando perceber que estão sofrendo, procurem ajuda. Nós somos mulheres e não podemos ser tratadas como lixo, tratadas com soco, facada, humilhação. Somos de carne e osso”.

Ciclo da violência



A violência contra mulher deve ser entendida como um ciclo. Em alguns casos, as vítimas demoram a sair dele porque surgem esperanças, para dias melhores. Porém, com o passar do tempo, as agressões ficam mais graves e merecem um cuidado e uma atenção maior. É por esses motivos que não se deve julgar a mulher que está no ciclo da violência e, sim, ajudá-la a sair desse processo.

Quais ajudas encontro na Secretaria?



Equipe técnica

Advogada: orienta a mulher em relação à Lei Maria da Penha e, sobre como denunciar a violência. Também oferece apoio em processos judiciais e em solicitações de prisão preventiva.

Assistente Social: é ela quem visita a mulher em casa, e providencia políticas públicas, como aluguel social, atendimento médico e outros encaminhamentos para serviços de proteção e acolhida.

Psicóloga: todas as mulheres atendidas pela Secretaria podem receber um tratamento terapêutico, de 8 sessões, com esse profissional. O objetivo é promover o fortalecimento da mulher.

Casa Abrigo

Em Guarapuava, contamos com uma casa para o abrigo de mulheres em risco de morte. Elas podem ser abrigadas com seus filhos menores de idade. Lá elas vão encontrar um recanto seguro para sua proteção e fortalecimento, com jardim, oratório, brinquedoteca, sala de TV e toda estrutura de uma casa acolhedora. Além de todo acompanhamento social, psicológico e jurídico para a saída do ciclo da violência.

Rede de Enfrentamento

O combate à violência contra a mulher em Guarapuava não é feito de forma isolada. Trabalhamos em conjunto com hospitais, Delegacia da Mulher, Polícia Militar, Ministério Público, Poder Judiciário, IML, SAE, Conselho Tutelar, faculdades, Unicentro, Secretarias de Saúde, Educação e Assistência Social e movimento de mulheres. Uma instituição complementa o serviço prestado pela outra para o atendimento integral da mulher.

Brinquedoteca

Em nossa Secretaria, enquanto as mulheres são atendidas pela equipe multidisciplinar, seus filhos permanecem na brinquedoteca.

Tipos de violência

Segundo a Lei Maria da Penha, a violência contra a mulher ocorre das seguintes formas:

Violência física

Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal.

- * Tentativa de asfixia;
- * Tentativa de homicídio;
- * Ameaça com arma branca (ou mesmo arma de fogo);
- * Tapas, chutes, socos;
- * Beliscões, mordidas, puxão de cabelo, queimaduras

A violência física sempre é acompanhada de xingamentos e ameaças verbais.

Violência Psicológica

Entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

- * Humilhação;
- * Ameaças de agressão física;
- * Privação da liberdade;
- * Proibir o trabalho ou estudo;
- * Danos ou ameaças a pessoas queridas;
- * Proibir o contato com a família e amigos;
- * Danos a objetos de queridos;
- * Agressão a animais de estimação

As palavras agressivas podem levar a doenças psicológicas. Em alguns casos as vítimas necessitam de atendimento psiquiátrico. Depressão, autodesvalorização, falta de vontade de viver são sintomas referentes à violência psicológica.

Violência Sexual

Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.

- * Ver gestos e/ou ouvir palavras que são ofensivas;
- * Toques e carícias não desejados;
- * Prostituição forçada;
- * Participação forçada em pornografia;
- * Relação sexual contra sua vontade

A relação sexual não consensual é considerada estupro, mesmo quando acontece entre casais com relacionamento fixo, inclusive durante o casamento. A violência sexual é a mais destruidora. Pode gerar complexos psicológicos que acompanharão a vítima pela vida toda.

Violência Moral

Entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

- * Palavras machucam muito e deixam marcas internas que cicatrizam, mas não desaparecem;
- * Injúria;
- * Calúnia;
- * Difamação

É um tipo de violência que também não deixa marcas físicas mas que através dos tempos machuca cada vez mais o psicológico da vítima podendo levar futuros distúrbios e deixando sequelas por toda a sua vida. Os familiares participam da violência, até quando agem indiferentemente a mesma. Este tipo de agressão atinge as crianças, que crescem acreditando que é dessa forma que se deve conviver. É preciso demonstrar que a violência não é um comportamento usual de uma pessoa adulta.

O medo também é uma arma muito potente a favor da violência. É preciso quebrar o silêncio para que a própria vítima possa reconhecer o agressor, passe a entender que está vivendo um tipo de violência e possa buscar ajuda.

Violência Patrimonial

Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

* Destruição, venda ou furto de objetos ou instrumentos de trabalho pertencentes à vítima;

* Destruição de documentos da vítima ou de seus filhos;

* Venda, aluguel ou doação de imóvel pertencente à vítima ou ao casal sem a autorização da mulher

Expulsar a mulher de casa privando-a do porte de documentos é uma forma de dificultar a elaboração do boletim de ocorrência ou o pedido de separação.

Afirmar que a mulher não tem direito aos bens do casal também é uma tentativa de dificultar o pedido de separação.

Projeto desenvolvido pelos acadêmicos do 4º ano de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) em parceria com a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres e a Prefeitura de Guarapuava.

Realização:



Departamento de
Desenvolvimento Social
DECS

Apoio:



Secretaria de
Políticas Para as Mulheres